

O TEMPO



REDACÇÃO
ANNO I 45 RUA DO OUVIDOR 45
PROPRIEDADE DE
ISMAEL MARINHO FALCÃO

RIO DE JANEIRO, 6 de Junho de 1888

Redactor literario --- ADHERBAL DE CAEVALEO

ASSIGNATURAS
CORTE E NICtheroy 5\$000
PROVINCIAS 6\$000 POR ANNO
NUMERO AVULSO 40 RE.

N. 4

SUMMARIO

O Tempo.....	A. de Carvalho
Questões litterarias....	A. de Carvalho
Questões philologicas....	A. da Veiga...
Notas a lapis.....	A. de Carvalho
Galeria Poetica.....	Diversos....
Os primos.....	A. de Miranda
Entrada.....	
Festas, bailes e concertos	
Theatros.....	
Passa tempo.....	

O TEMPO

A opinião publica assemelha-se a uma corrente que vai enlarginando suas margens e afundando seu leito à medida que os terrenos cedem a constância e impetuosidade de suas águas. E assim que, as ideias das reformas descentralizadoras e das franquias públicas, incutidas no animo do povo, vão cavando a ordem e o bem estar social no que ha de mais estavel e sólido, se o principio director — o governo — não as encaminha.

Não precisamos recorrer aos processos genealogicos, ou a historia remota para vermos que as coisas e os homens seguem um constante período evolutivo. E certo porém, que essa evolução, livre, entregue às forças da natureza e à lei da perfectibilidade humana, levaria as nações ao desregamento, à confusão e ao desconhecido — o abysmo muita vez — se não fôr imposto e exercitado o princípio da direcção e da ordem, primeiro alicerce das sociedades constituidas, na phrase de Guisot.

No mundo phisico, as coisas e suas propriedades devem passar pelo caudinho dos processos industriais, no mundo moral as ideias nascidas e despertadas no povo devem passar pelo chrisol do machinismo governamental.

Não há negal-o, que, no caminho das reformas, este paiz corre e corre velozmente para o desconhecido.

De certos tempos a esta parte, aglomeram-se nos horizontes da patria, sombras e sombras bem densas, que se podem trazer a luz vivificante e a felicidade, podem também com o seu choque, produzir o raio, a anarchia, o socialismo e a morte.

Em nenhuma nação adolescente, ainda se adquiriu tantas somas de franquias públicas e de licenças como no Imperio da Santa Cruz. O que nós precisamos pois, hoje, não é de reformas liberaes, é de garantias aos direitos de vida, da honra e da propriedade, que estão à mercê dos malfeiteiros.

Não é facto novo na historia das nações. Depois dos pruidas das reformas, vêm o cerceamento — a ordem — Sem o que elas seriam levadas ao principio.

Temos como frisante exemplo neste paiz a lei de 12 de Agosto de 1884 pela Regencia, em nome de S. M. o Imperador D. Pedro II. Os progressos dessa república gigante — os Estados Unidos — dominavam e electravam os brasileiros, e no elemento federal que predomina na mesma república, fomos procurar o modelo para o acto adicional. Depois, conheceu-se a necessidade de arrefecer esse entusiasmo pelas franquias provincias e liberdades individuaes, que, estava levando o paiz à demagogia.

Veio pois a época do cerceamento, da guerra-cópia pela lei interpretativa de 12 de Maio de 1840, de 3 de Dezembro de 1841 e de 31 de Janeiro de 1842.

Agora outro período.

A reforma judiciaria de 1871, com suas medidas garantidoras da liberdade individual, mais do que da ordem e de outros direitos sociais, restringindo a prisão preventiva, estabelecendo francamente o habeas corpus pelo molde mais liberal que se conhece, cerceando e desmoralizando a acção da polícia, se produziu beneficos efeitos, não se lhe pode perdoar o mal de proteger aos criminosos, facilitando suas fugas e difficultanto sua punição. A lei da conscrição militar acabando o recrutamento é também uma dessas leis que trouxeram grande mal ao paiz. Protegeu a vagabundagem e a desordem, apartando muitos braços da industria agricola e pastoril, à sombra de cujos proprietários vivia e trabalhava esse grande numero de desordeiros.

E que o legislador e estadista brasileiros tomam como typo para todas as reformas, o povo e as necessidades dos grandes centros civilizados.

Neste estado de coisas, vem a lei declarando extinto o elemento servil, sem duvida a maior aspiração nacional, social, e religiosa que se conhece. Foi realizada neste paiz no meio de festas, de flores, de incenso e hosanas levantados à Divindade.

Mas saiba o digno Sr. presidente do conselho, que, os perfumes dessas flores e a agitação dessas festas, tornaram o governo embriagado simão entoxicado, preso a grande torpor se não agonizante.

E sabe S. Ex. onde esteve o mal?

No açoitamento com que se realizou a grande aspiração humana! O povo e suas manifestações ruidosas confundiram-se com os sacerdotes, a seriedade e respeitabilidade do parlamento. Fazemos justiça à lealdade e desinteresse do Sr. presidente do conselho que não quis especular com o projecto da extinção do elemento escravo, cobrindo-se com elle como a tunica sagrada para amparar-se dos golpes e exigências dos delegados da nação.

Pareceria prudente que todas as leis complementares, da de 13 de Maio, as de criação e facilidade de crédito em beneficio da lavoura fosse incorporada

na mesma marcha a da emancipação. Com que S. Ex. se ampara agora das novas aspirações de certos homens sedentos de gloria e de nomeada, que já querem e pregam a federação nas províncias?

O distinto estadista Sr. presidente do conselho deixa supor menos seriedade nessas vaidades de renome, que quando o paiz passa por um grande abalo em suas fontes de receita pela desorganização do trabalho agricola, levanta a questão de federação.

Agora, que convinha unir os brasileiros em um só pensamento — o de salvar a lavoura, quando ella sangra pelos espinhos das perfumadas rosas da emancipação servil, é que se atira à tela da discussão a federação das províncias?

Não fica ahi o desvairamento pelas reformas.

A imprensa alardea todos os dias o modo porque os fazendeiros fazem os contractos com os libertos e o facto delles assoldadarem os ingenuos. De sorte que as relações do direito civil sobre os contractos de prestação de serviços e a administração das pessoas e bens de menores orphãos ou em tais condições, devem cessar pelo facto de ser um dos contractantes liberto e o menor ingenuo?

A missão da imprensa, doctrinária como é, reclamando a satisfação das necessidades publicas, deve ser prudente.

Um dos mais distintos collegas, representante da imprensa da corte, quer que a magistratura faça passeios correcionaes e visitas domiciliarias afim de acabar com o segredo que está sendo a alma do negocio.

Infeliz magistratura.

Além de suas más condições pecuniárias e moral, pelo rediculio de seus vencimentos e conceito que gosa de instrumento eleitoral, quer aquelle organo de publicidade dar-lhe o papel de espião de polícia.

Descance, as leis que nos regem oferecem grande somma de garantias aos contractantes libertos e aos menores assoldados.

Os primeiros instruidos pelos vizinhos, obedecendo a procura de braços e chamados à concurrencia de melhores preços, zelarão seus interesses, a sombra de nossas leis.

Para o menor, o respectivo juiz está armado das providencias legaes. Por informações particulares dos proprios parentes dos ingenuos, a requerimento dos curadores geraes de orphãos, elle terá meio de saber o tratamento que se lhes da tendo ao seu alcance o meio correctivo de tiral-os de matutella.

Depois dessa carreira vertiginosa que o paiz vai dando para as reformas, é preciso não deixal-o precipitar-se no abysmo!

São esses nossos desejos, são essas as aspirações sérias da Nação Brasileira.

QUESTÕES LITTERARIAS

I

A PROPOSITO DE UM LIVRO ESTUDO DE TAXEONOMIA LITTERARIA

De acordo com a completa transformação do ideal scientifico e com a condemnação imposta ao Romantismo pelas leis da physiologia e psychologia experimental, decretada pelos Balzac, Flaubert, Stendhal, Zola e outros, na litteratura hodierna agita-se essa transição do falso para o verdadeiro, recrudesce a verdade na arte, de modo a observar-se palpante a luta pela vida e pela verdade, sahindo triunfante o realismo, depois de lutar assaz com a phantasia.

No seculo que atravessamos, assinalado pelas syntheses admiraveis de Comte, pelo evolucionismo e sociologia de Spencer, pelos trabalhos naturalistas de Darwin e Haeckel, a formula mais agradável para observar-se os phenomenos da natureza social, para dissecar-se á luz meridiana da critica os factos pathologicos que convulsionam e destroem o organismo de uma nação e de um povo onde transparece o transumpto de uma exuberância de vitalidade, é sem contestação o romance.

O naturalismo em litteratura, tem sido n'estes ultimos tempos interpretado de diversos modos. Os sectarios de Zola definem-o pouco mais ou menos como a condensação dos elementos e minucias sociais e domesticos até ao refolho dos lençoes; os factos mais indignos e repulsivos, atirados ás paginas do livro!

E' bem possível que assim seja, eu porem, não o acredito.

O naturalismo jamais foi essa exagerada tentação a descrição de Ipanan; jamais foi esse aguerrimento profundamente lamentavel de E. Zola ás podridões e ás lodaças.

O naturalismo é essa forma scintilante, porejando as iris luminosas ás expressões da verdade e do bello na arte e na psychologia descriptiva e do synchretismo da nossa philosophia social! Zola não é um naturalista, e se o é, é um naturalista degenerado, um mau intreprete dos sentimentos da sua escola, um filho espúrio transaviado da sua mésse rectilinea, e exuberante bellezas.

O seu assombroso talento descriptivo e a sua elevada erudição physio-psychologica, estão em tergiversação com a sua formula extra-libidinosa.

..

No Brazil a nossa orientação intellectual é de uma esterilidade a olhos vistos! Os trabalhos elaborados segundo o methodo historico-comparativo, tem sido apenas exhibidos, na philologia pelos Srs. João e Julio Ri-

beiro e Pacheco Junior e na litteratura por Sylvio Romero de que nos dá cabal exemplo a sua *História da litteratura Brazileira*, verdadeiro monumento levantado ás letras patrias.

A poesia nos moldes scientificos ainda não passou das *Visões de hoje* de Martins Junior e dos trabalhos de Malias Carvalho.

O romance, essa brillante formula litteraria appareceu-nos ha ainda bem pouco tempo, porém impregnado do incenso puro do decadente romanticismo! Poucos tem sido os tentamens de reforma.

Tomou proporções de historico em Bernardo Guimarães, José do Patrício e Araripe Junior. Assumiu ás descrições campesinas em Franklin Tavora e Inglez de Souza. Tomou impulso domestico e social, com todas as cambiantes do estylo, em José de Alencar e Manoel de Macedo. Revelou-se naturalista em Aluizo Azevedo, Araripe Junior e Raul Pompéa.

Do primeiro ja nos ocupamos com o apparecimento d'*O Homem*, ocuparnos-emos presentemente com o ultimo com o Sr. Raul Pompéa.

O Sr. Raul Pompéa, um dos nossos poucos ilustrados litteratos, acaba de publicar o seu romance *O Atheneu*, basseado nos moldes naturalistas.

A falta de espaço inhibi-me de externar opinião como desejava, sobre o livro.

Apenas farei umas ligeiras observações sobre o que senti depois da leitura desse magistral livro.

Em primeiro lugar vejamos se o assunto foi acertado:

Trata-se da sua vida collegial, onde desenvolve com admirável reminiscencias todas as peripécias escolares, e onde castiga severa mas justamente, um dos nossos pedagogos elevados á categoria de alter-ego na educação de meninos.

Vê-se portanto que não poderia ser melhor.

Passamos ao estylo — Pois que não queríamos offendre a alguém, cumpriam confessar que é o melhor que coñece na lingua portugueza! Todas as louçanias da palavra, todas as camionantes, todas as nuances e todas as volatas e as fanfarras de estylo possue o seu livro.

Dos longos antecedentes litterarios, de todas as tentativas de modernismo, nenhuma teve, como *O Atheneu*, tão bom resultado!

Como Taine, Raul Pompéa considera o corpo social como o verdadeiro objecto de recreação pittoresca; dá vida a objectos inanimados; e assignala as perfeções corporaes no mais baixo grau da arte.

Eu tenho um estudo de physiophilia litteraria sobre o seu livro; procurarei publicá-lo em breve em algum periodico diario da Corte. Ahi é que eu expondo a minha opinião, baseado na critica moderna, sobre *O Atheneu*.

Este artigo não é mais do que uma resenha.

ou me engano, ou o livro do Sr. Raul Pompéa, terá o exito que tiveram os de Balzac, Flaubert e Zola.

E assim seja.

ADHERBAL DE CARVALHO.

Questões Philologicas

DA ETYMOLOGIA PORTUGUEZA

Ninguem ignora que a maior parte das nações tem duas linguagens: uma usada pelos lettrados e eruditos: outra,

pelo povo que no geral é pouco illistrado.

E' certo que este facto não ocorre por acaso, e sim por lei, cuja influencia será encontrada n'outra sciencia que não na philologia.

Assim foi qua o Arabe forneceu ao Portuguez abundante vocabulario, que não é originaria do Arabe puro, mas do corrompido e popular.

O mesmo caso da-se no Latim, que formou o lexico Portuguez.

Havia nesta lingua dois *sermo-nos*, isto é, duas linguagens: uma, fallada pelos Romanos lettrados; outra, manejada pelos plebeos ou homens do povo.

O caracter do Latim classico é: grande transposição, que manda collocar o verbo no fim da sentença para actuar sobre ella, manda separar os adjetivos dos substantivos com que concordam e espalhar complementos, etc., etc.

O caracter do latim barbaro é: por em primeiro logar o sujeito, após elle o verbo, depois o objecto directo; é abundante tambem a quantidade de pronomes substantivos repetidos. Tudo isto disse, para que o meu leitor (si o tenho) pudesse facilmente comprehendere o que vae se seguir.

Formando-se o Portuguez do Latim barbaro e não do classico, julgo que devemos procurar as etymologias no Latim barbaro.

Alguem, talvez, me chame de pendente, mas deste defender-me-hei, dizendo-lhe: « si o que está em uso é errado, substitua-se pelo certo. »

Quero dizer com isto que dar uma etymologia do Latim classico, desprezando a do barbaro, é absurdo e absurdo muito grande.

Esta observação foi-me sugerida pelo encontro da doutrina, que expuz, em muitas grammaticas, aliás optimas, cujos autores são philologos distitutivos.

Dizem elles: « abelha vem do Latim *apicula* diminutivo de *apex*, *apis*. »

Não é tal abelha, assim como *tirare*, da baixa latinidade; o primeiro é corruptella de *apicula*, o segundo de *trahere*, que significa aprastar. (Vide *Dictionnaire Vocabularium*)

Em *apicula*, o *p* abrandou-se em *b* (são homorganicas; uma labial forte, outra labial fraca), o *u* caiu pela lei: « a vogal não accentuada cahe », o *c* as similou-se progressiva e completamente, dando então *abeilla*, (que tomou um *c* de mais) que por sua vez deu *abeilha*.

Eis o historico de *abeilla* etymologia do vocabulo Portuguez *abeilha*.

Volto a questão, dizendo que devemos procurar as etymologias no Latim barbaro e não no classico, só quando a palavra for de criação erudita.

O que acima contei é facil de verificar-se, pois existem muitas grammaticas e quasi todas usam do metodo que reprovei.

Rio, 5 de Junho de 1888.

AMERICO DA VEIGA.

NOTAS A LAPIS

I

BALZAC

Difficil é sem duvida, a um escriptor novel o traçar as linhas caracteristicas e o assignalar a época litteraria de um escriptor como o que encima o nosso artigo.

Si porém como disse um notavel escriptor, nas grandes empresas até a queda é nobre, ficarei satisfeito sobremaneira, si este artigo não agradar aos

espiritos lettrados, encanecidos na literatura e na arte, mas si de seus labios desprendere-se uma phrase consoladora e animadora, impulsando-me a seguir nestes meus arrojados empreendimentos.

A litteratura é a alma dos povos. O organismo vital de uma nação, o relâmpago flammejante da inspiração, a aquarella rediviva da alma, o conubio admirável da intelligencia com a civilisação. Sem esta clausula gigante e inevitável ás civilizações, jamais um povo progredirá. Povo sem litteratura é um deserto sem oasis um cataclismo sem fim.

Da necessidade de conhecer as revoluções do mundo intellectual foi que resultou o estado psychico-anatomico-physiologico das litteraturas, afim de poder fixar-se idéa, embora laconica, sobre escriptores que hajam tido épocas mais ou menos celebres no ambito das letras.

O momento luminoso da carreira do eminentissimo romancista Balzac e que nota de alguma sorte a efflorescencia de seu genio foi, dizem todos os escriptores contemporaneos, a época em que publicou as novellas e romances a que denominou de *scenas da vida publica e scenas da vida privada*.

Foi dahi que começou sua época o auctor da *Comedia humana*, celebrizando-se pelas realidades vulgares da existencia, das scenas do interior, das pequenas misérias e das trivialidades, impulsionadas pela sua prodigiosa faculdade de observação que lhe fornecia o seu atletico talento e a sua memoria prodigiosa.

O seu genero descriptivo é de um assombro magestral. Quando essa sua mania de observação, exerce-se sobre o caracter e costumes dos personagens que elle ousa creal-os a semelhança dos habitos e costumes mundanos da época, impulsionada pelo facho luminoso da intelligencia, arcando com os velhos lyrics de seu tempo, para abandonar as gehenas perniciosas da idealização, e crear a escola realista que tem convulsionado o mundo inteiro e cujos intuitos são a descrição dos factos humanos taes quaes elles o são; dos costumes e vida dos povos, a suprema convulsão do seu pensamento e da sua vontade, comprehende-se o intento do grande escriptor, e vê-se mesmo como que ao vivo os seus personagens, sente-se o aspirar dessas atmospheras metaphicas e deleterias das orgias etc; mas quando apodera-se dos factos para atiral-os ás paginas do livro como simples documento archeologico, ou para satisfazer a sobriedade dos leitores, torna-se ás vezes indesculpavel e enfadonha-nos a sua leitura.

Os seus escriptos, primores indestrutíveis, de bom gosto, pureza de linguagem e admirável de estylo, não têm a amenidade amorosa da Graziella de Lamartine, da Beatriz de Dante ou da Catherine do épico luzitano; são de generos mui diversos e visam outro fim; — lançar as paginas dos livros as scenas que se passam neste vale de lagrimas. Filiam a outra escola: a realista.

Sabemos perfeitamente que a escola realista em mas affetações de observação minuciosa e photographica, precente restituir ao homem seu caracter e suas paixões num gesto, numa intonaçao de voz etc; sabemos que o realismo é o medico que tem-se preocupado com a pathologia corrosiva deste grande amphitheatro social.

Os tres caracteres dominantes de

Balzac, são o pathetico, a verdade e a moralidade tal qual deve ser.

Não sei que instinto observador e revelador ensinou-lhe que os lugares e os homens têm-se por secretas relações; que tal sitio é uma idéa, que tal muralha é um caracter e que, para bem retrar um retrato social é necessário conhecer perfeitamente todos os lugares abjectos, todas as manhas da sociedade etc.

E' esta analogia e esta fidelidade em seus romances o que é a payzagem nas deslumbrantes scenas do Drama.

(Continua)

A. DE CARVALHO

GALERIA POETICA

UMA FIGA

— Como aquelle que reza a historia antiga
Que de Delphos o templo incendiara
— Para ganhar renome e fama rara,
Mas que a historia pregou-lhe cunha figura

— Poeta que por gloria faz intriga,
Os loiros disputando á pau e varra,
A deosa, que de dons é sempre avara,
Em vez de loiros da-lhe chocha espiiga.

— Poeta que por isso que no Parnazo, um dia,
Einsaiando cocciando o ponto lia...
— Os poetas, trajados à etiqueta
Gritaram p'ro auctor da melodia:
— Ei, Parnazo não se entra de jaqueta! •

GRC...

IDEAL

(A LUIZ AUGUSTO CEZAR)

Ha um mez já que partiste, e no entretanto;
Eu te vejo quasi sempre nos meus sonhos!
Ha um mez já que partiste, e o teu encanto,
Como enxames risonhos,

Do olympicas deidades e beija-flores,
Me offusa qual rubra lux de brilho intenso,
Que em ti pensando, parece que não penso
Que não posso amores! ?

Vês portanto como tenho o meu juizo! ?
Vês! — ao menos queimais fazel-o soeigar!
Acalme-o com um sorriso!

Mostra-lhe que tens amor e amor lhe exprimas;
Dize-lhe com seu alegre fallar,
Que te amo e tu me estimas.

Até que enfim te vejo!
Quem de dizer havia! — Ha tanto tempo
Que de mim partiste! — Meu pensamento,
Em te vendo, qual ave em tenue adejo,

Paiou por um momento
Em tua boca idealizando um beijo,
Pois era este somente o seu desejo,
O seu gosto, a paixão e o seu tormento!

Senhora de minh'alma; —
Dize o que fiz? sim, qual foi meu crime?
Acciso é crime amar-te e amar com calma! ?

Tem pois pena de mim,
Saibas que o meu amor é mais sublime,
Que a morada de ethereo cherubim!

A. DE CARVALHO.

OS PRIMOS...

Era em Maio, o mez predilecto das almas religiosas e das flores silvestres, quando o meu amigo Julião teve a infeliz idéa de pedir em casamento D. Rosamunda Silveira, interessante filha do Barroso Silveira, um dos mais distintos charuteiros da rua do Ouvidor.

Realmente D. Munda, como chama-vão-na em familia, era uma mulher capaz de sacrifícios. Moça, muito

moça mesmo, gorduchita, de formas bem alinhadas n'um todo correto e distinto, tendendo um pouco a coquetterie de la femme de seu de Bellot, deixava transparecer em seu conjunto de traços voluptuosos a petisqueira apimentada dos peitinhos tumidos e das carnes frescas e apperientes. Que tentação!... Havia de ser um delírio a primeira noite, olé; e o diabo do Julião, já meio velho, de physico rachítico e estropiado, a cabeça meia enterrada nos homens assim com ares de quem vai dar uma cabeçada, e muito acima ainda dessa natureza particular soffrendo de bronchite chronica que fazia-o deitar *ostras* azuladas, que havia gosal-a!...

Não, ahi havia um calculo. Julião era uma verdadeira *burra* de dinheiro, muito exclusivamente, por isso adequado aos amores infantis que Munda nutria pelo primo Juca, rapazito chic e bien rempli de soi même. Verdade é que diversas vezes Juca tinha feito o Barroso sciente de sua predileção, porém, sendo um rapaz esquecido pela fortuna, suas investidas não foram nunca tomadas em consideração devida. Mas os dois namorados não desanimavam. Munda casar-se-hia, e Juca... ora os primos são gente de casa.

Pobre Julião. Emfim, elle que ia meter-se em camisa de vinte e duas varas, contava certamente com a protecção da mulher...

Boa e santa mulher, m'o repetia sempre requebrando os olhos cavos, aquillo ha de ser o exemplo da fidelidade conjugal.

Munda tambem dizia, ás suas amigas, o mesmo do seu Janjão. Lá quanto a isto não havia que duvidar.

O homem era mesmo *une dame de deesse*. Jamais idéas impudicas e malevolas passavam-lhe pela mente, e quando algum amigo lhe dizia: Isabes, Julião... fulana...

E Julião se ia afastando caprichosamente.

Aassim todo cheio de sua bella Munda, Julião notava os dias como segundos. Quantos sonhos pudicos! As vezes Munda lhe parecia uma santa, e então elle cahia-lhe aos pés, de mãos postas, murmurando: perdoae-me mensageira de Deus e dos santos apostolos, se pequei... e despertava-se. Porém de novo adormecia, e outro sonho pendia-lhe sobre o peito. Agora era por uma dessas noites bellas de verão, havia no espaço uma harmonia suave, e as estrelas longinhas amorteciam os raios luminosos. De subito a noite fazia-se escura como um tumulo, e das bandas do Oriente, em pleno ether, vinha surgiendo um carro cor de ouro, tirado por Venus e Sirius no qual estava sentada uma virgem muito pura que cantava ao som de uma harpa eolia.

Afinal de contas, o nosso homem estava ficando meio gyra, e fiscal-o-hia intiero se no dia 25 de Maio, ás 4 horas da tarde, não recebesse D. Rosamunda Silveira por espesa legitima.

Foram-se assim todos os sonhos e ilusões,

Ah! se soubesseis, ó vós que sois noivas, quão duro é o dia da realidade!... Se soubesseis que após todos aqueles castellos aereos, todos aquelles planos, todas aquellas aspirações e todo aquelle sonhar, um templo recto e cheio de tristezas, de preconceitos, de dores e de desenganos, se abre para vos julgar, severo como a justica, com certeza não vos casarieis nunca! A alma sente-se melhor nos nichos da natureza virginal, seguindo o voo de um passaro que passa, e sorvendo a

sorva da vida nas caçoilas frescas das flores matutinas.

Mas... prossigamos.

As 10 horas, pouco mais ou menos, Munda protestando uma dorsita de cabeça fôra deitar-se primeiro, enquanto Julião conversava commigo n'um canto da sala.

Mas o que me dizes tú do enlace?... hein?

Muito bom para ti que hoje has de ficar lampreiro como um bode.

O homem corou de véras. A noite fazia-se gelada e o tempo corria. Finalmente meia noite acabava de soar no relógio da casa na occasião em que Julião de mim se despedira e penetrara no recinto das coisas deficulstosas...

Justamente Munda acabava de prolongar um suspiro leve e tremulo, quando elle approximando-se do objecto de seus sonhos, teve um susto: o primo Juca suppria-lhe no lugar tradicional.

Julião tinha recuado um pouco, e depois approximando-se de novo, disse sorrindo:

— Boa e santa mulher! é que a noite está gelada e ella teve medo que a frialdade do leito me fizesse mal a bronchite chronica que tanto me atormenta.

Boa e santa mulher! modelo da fidelidade e amisade conjugal.

E tossiu.

ARTHUR DE MIRANDA.

CHRONICA

Antes de tudo, devo declarar que não tenho programma: nesta secção que ora inicio, tratarei de tudo e de todos, com a minha habitual isenção de interesses partidários.

Mau grado meu, desfaço-me hoje dos pseudonyms que vestiram por vezes os meus escritos, para, de viseira alegradamente limpa e direita, — zimbrar com o estafim a região lombar de um pelludo campanulado; e o faço com a responsabilidade do meu nome para poupar o meu ginete ao trabalho de escoucar algum Romão.

Nesta folha, como em todas as outras em que hei rabiscado, não assumo a paternidade de artigos estranhos nem me tornarei solidario com os typographos que têm por hábito deformar os originaes; estes, porém, serão postos à disposição dos interessados sempre que mordido por algum cãosinho hydrophobo com pretenções a gramática de feira, seja eu forçado a limpar as ventas com os tacões.

Noblesse oblige...

Outra declaração, para terminar este preludio:

Como redactor d' *O Tempo*, escreverei como entender e o que entender, por isso que tal concessão acaba de ser-me honrosamente feita.

..

Não era intento meu accusar o *Diario de Notícias*, felha em que collaborei por muitos meses, com responsabilidade illimitada; mas o *Diario* nunca pôde explicar-me decentemente certos factos que eu tenho necessidade de expôr ao publico para que não pese sobre a minha reputação o que só deve fazer peso na consciencia de alguém...

Trataremos mais tarde do que ocorreu entre o redactor d'esta secção d' *O Tempo* e o *Diario de Notícias*; e em quanto preparamos o cartuchame que tem de atirar por terra toda a proa de um

princez com ares de solemnidade encarnada, vamos escovar o fato do pelludo a que alludi na introdução desta chronica, e que o leitor ficará de ora em diante conhecendo pelo o pseudonymo de — Lauro.

..

Como todos os pobres diabos ou pobres d'espirito, o pelludissimo Lauro, do *Diario de Notícias*, adquiriu uma grammatica do Coruja, e fez d'ella a sua praça forte contra o desleixo dos typographos e a myopia dos revisores.

O pobre... asno que de certo não foi convidado para collaborar n' *O Tempo*, atirou sobre o Sr. Marinho Falcão, proprietario d'esta folha, toda a sua carga fetido-biliosa; e, como um bacorinho que se refocilla na propria lama o Lauro do *Diario*, espojou-se em seguida na propria baba, fazendo esgares de simio idiota, com estorcimentos lubricos de caprino zarolho!

Besta!

O mais curioso, porém, é que o Lauro das campanulas desconhece a regra dos *collectivos partitivos*, e solta, além de outros, este descosimento que lhe cahiu em cheio na glotte e já lhe deve ter sujado as paredes do esophago:

«... Grande quantidade dos predios da cidade estão em ruínas...»

E' besta ou não, o Lauro, que chama a isto erro de concordancia?

Mas não pára aqui a audacia do animalejo. Terminando a sua *carga cerrada* que deve ter feito o mau humor... da arte typographica, diz o animalzinho:

Sr. Marinho Falcão.

« Quando qualquer pessoa se lembra de vir cá para fôra escrever para a imprensa, o melhor que tem a fazer antes de mais nada é ir alli ao Nicolau Alves e comprar uma grammatica de João Ribeiro. »

O leitor comprehendeu bem?

O collega Dr. Marinho Falcão, quando tiver de escrever para o publico, ha de comprar uma grammatica de João Ribeiro e ir ao Nicolau Alves... comprar um cabresto e uma albarda para pseudo Lauro!

Abstenho-me de apresentar outros pedacinhos do illustre redactor do *Diario de Notícias*, por que não pretendo dobrar a questão para o lado do ridículo. Appareça por ahí uma alma caridosa que ensine ao pobre campanulado o emprego da pontuação e a significação dos adverbios, para vergonha da raça albardiça.

Quanto ao *Diario de Notícias*, que parece ter-se convertido em receptaculo ou *refugium peccatorum* d'uns tantos poetas em disponibilidade, — d'esses que, corridos de todas as outras folhas, por incapacidade moral, tomaram á sua conta o estudo forçado das pedras que formam o calçamento da rua do Ouvidor; — quanto ao *Diario de Notícias*, repito, — os meus emboras!...

..

Penso que o redactor-chefe do *Diario*, a quem tenho, por enquanto, o dever de o considerar affeiçado, não quererá tomar sobre os homens a pesada carga que deve fazer ao *Diario* a critica desatenciosa e violenta.

Neste caso, tem o Dr. Fernando um partido a tomar: é — varrer das columnas editorias esses litteratellois de monoculo, que nada enxergam além do extremo corneo.

S. S. que já um dia me accusou de precipitado, tem agora mais uma prova de que o considero: attenda-me, e terá prestado um serviço à folha que re-

dige e aos collegas que enxotaram dos corredores os vadios que buscaram abrigo sob o seu manto.

Dado este cavaco, façamos ponto, leitor amigo, até... breve.

MOTTA VALF-LORIDO

ENTRADA

Recebemos e agradecemos:

Revista do Observatorio, excellente publicação mensal que tanto tem honrado a sciencia astronomica do nosso paiz. Traz o seguinte sumario:

— Nota sobre a localidade do Ferro Nativo de Santa Catharina — Regimens dos ventos no Rio de Janeiro — Elementos dos cometas observados em 1887 — Comissão allemã exploradora do alto Xingú — Aspecto do céo para o mez de abril no Rio de Janeiro — Diario meteorologico do mez de abril no Rio de Janeiro — Resumo das observações meteoroogicas feitas no Imperial Observatorio, no mez de abril de 1888. — Jornal meteorologico do mez abril em Santa Cruz — Resumo das observações meteorologicas feitas no mez de abril de 1888 em Santa Cruz.

Corriere d'Italia anno 3º num. 82. Excellente como sempre.

L'Etoile du Sud, anno 3º num. 139. Traz um bello artigo sobre a immigração — a relação dos ministros das Finanças de França, uma chronica parlamentar etc.

Festas, bailes e concertos

Esteve deslumbrante o baile da *Société Francaise de Gymnastique*. Dançou-se até ao romper da aurora, quando o dedo impertinente do sol vinha etc.....

PELOS THEATROS

D. PEDRO II

Subio á scena neste theatro a peça em trez actos de M. A. Bisson — *Les surprises du divorce*.

O grande actor francez Coquelin *ainé* desempenhou magistralmente o magnifico papel de Henry Duval, onde mais uma vez deixou provado a personalização da arte em sua pessoa.

Os outros artistas estiveram na altura das seus papeis e taleuto.

RECREIO

O famoso drama *O Conde de Monte-Cristo*, começa de novo fazer epocha no Recreio.

Incontestavelmente o Dias Braga conhece a fondo o gostinho de nosso povo, o que equivale a dizer:

E' um emprezario de talento e que muito nos serve.

Le Maitre de Forges, este conhecido drama que tanto enthusiasmo a platea francesa, foi levado á scena sabbado passado no Pedro II. Todo e qual quer juizo que se emitta sobre o desempenho que teve, não o caracteriza de um modo satisfatorio. Assim calam-nos, e muito simplesmente damos parabens aos nossos leitores por mais uma vez ter deixado, de um modo patente, o evidenciado seu bom gosto, em ter de Pedro II no sabbado que se andou

MEDIO.

PASSA TEMPO

CHARADAS

(A D. JOSEPHINA B.)

1-1-1-A figura na carta o adverbio é homem.

2-2-Não segue, seguindo aperta.

1-1-2-Não está lá no charco rolando. E'jogo.

1-1-1-Na pia conjunção na Italia é planta.

Decifrações das charadas do numero antecedente:

Canario, Melodia, Margarida, Saltimbanco, Tempo e Salomão.

INDICADOR

O solicitador e inqueridor.

Martinho da Motta Nunes participa que tem escriptorio na rua da Quitanda n° 48 e é sempre encontrado nas audiencias dos juizes Civis e Commerciaes; residencia na rua dos Invalidos 85 sobrado.

Dr. Pelino Guedes.—Advogado; rua da Alfandega n. 40.

Dr. Gusmão.— Advogado; escriptorio, rua da Alfandega n. 65.

Advocacia Commercial — O Dr. João Carlos de Oliva Maia é encontrado em seu escriptorio à rua da Quitanda n. 39 todos os dias das 9 da manhã às 4 1/2 horas da tarde.

Dr. Marciano Gonçalves da Rocha. — Advogado, rua da Alfandega n. 40.

Dr. José Joaquim de Almeida Nobre. — Advogado; rua da Alfandega n. 40.

Dr. Cândido Teixeira. — Advogado; é encontrado em seu escriptorio à rua de S. Pedro n. 14, todos os dias das 10 às 3 hours da tarde.

Dr. Nogueira da Gama. — Cirurgião dentista; consultas das 9 horas da manhã às 3 da tarde, rua de Gonçalves Dias n. 71.

Dr. Alberto de Carvalho. — Escriptorio, rua da Quitanda n. 17.

Conselheiro Matta Machado. — Medico; consultorio, rua de S. Pedro n. 90.

Dr. Paula Ramos. — Advogado; rua dos Ourives n. 80; das 9 às 3 da tarde.

DECLARAÇÕES

Rogo aos Srs. assignantes d'A SEMANA, o obsequio de mandarem satisfazer seus debitos até o fim do corrente julme de Junho.

Devendo se dirigir ao abaixo assinado, encarregado da liquidação d'A SEMANA.

O TEMPO será remettido aos Srs. assignantes d'aquella folha,

Qualquer reclamação deve ser dirigida ao proprietario d'O TEMPO á rua do Ouvidor n. 45.

Ismael Marinho Falcão.

ANNUNCIOS

HOTEL LUZITANO

Este acreditado hotel fornece com asseio,

ALMOÇO OU JANTAR 400RS.

Pensionistas, 20\$000 por mez

21 Rua de Gonçalves Dias 20

J. JORGE & C.

convidam ás Exmas. familias a visitarem o grande armazem de mantimentos, doces, fructas, licores, vinhos, etc., que inauguram á

9 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 9

PONTO DOS BONDS DO CARCELLER

RESTAURANT OUVIDOR

RUA DA URUGUAYANA

Os proprietarios deste bem montado estabelecimento, previnem ao publico e aos seus amigos, que fornecem comida para fóra e recebem pensionistas; bem assim, no estabelecimento fornecem um almoço por 500 rs. e um jantar por 1500, garantindo em tudo asseio e limpeza.

Socio gerente J. M. BITTENCOURT

A GRANDE ALFAIATARIA

DE

JOAQIM ALEXANDRE DO NASCIMENTO

está sempre prompta para servir aos seus numerosos fregueses por preços rasoaveis e com a maior promptidão possivel; tendo um variadissimo sortimento de fazendas do uso e de bom gosto

45 RUA DA QUITANDA 45

HOTEL JAVANEZ

Este hotel, montado com todo o asseio e capricho, e que acaba de passar por uma grande reforma, é o unico neste genero que fornece almoço ou jantar por 400 rs., sendo quatro pratos, sobremesa e café ao almoço e cinco pratos, sobremesa e café ao jantar, comida a escolher; vinhos superiores, recebidos directamente pelo proprietario. Não se illudam, isto só no JAVANEZ, á

6 RUA NOVA DO OUVIDOR 6

O DEMOCRATA

é o unico que fornece com asseio

Almoço, 400 | Jantar 400-

Pensionistas, por mez... 20\$000

113 RUA SETE DE SETEMBRO 113

SEMENTES NOVAS

DE HORTALIÇA, FLORES E ETC.

NA

HORTULANEA

RUA DO OUVIDOR, 45

AO PARAISO DAS CRIANÇAS

CASA DO GUSTAVO

Primerio estabeleccimento de brinquedos da America do Sul

45 RUA DOS OURIVES 45

23 RUA DOS OURIVES 23

THE NEW HOUSE

SEM RIVAL

SUPERIORA TODAS

WHITE

LIGEIRA

SUAVE

E

SILENCIOSA

5 ANNOS DE GARANTIA 5

23 RUA DOS OURIVES 23

J. L. A. RIBEIRO & C.